

FUTEBOL, DO SIM(BOLO) À ILUSÃO?

Lázaro Alves de Farias¹

No Brasil a modalidade esportiva conhecida como futebol, nasceu no final da segunda metade do século XIX, sendo importada da cultura inglesa, como nos informa José Sérgio Leite Lopes ao nos falar sobre como se deu a difusão desse hábito inglês:

“o intercâmbio entre as elites inglesas e de outros países em escolas inglesas e européias, disseminação da prática esportiva organizada por empresas inglesas com filiais no exterior, e a difusão mundial dos clubs...forma de convívio social inglesa, originalmente elite”.

Como vimos, a implantação do futebol partindo da Inglaterra para o contexto brasileiro se deu de forma sistemática e acima de tudo elitizada, como foi na própria Inglaterra. Assim, ir aos estádios, e/ou participar do futebol brasileiro era coisa para os filhos da classe rica ou dos operários das multinacionais européias instaladas aqui. Desta forma, para a elite o futebol dominical se tornava ao lado da missa o lazer da classe rica brasileira. Sobre essa dicotomia religião/esporte escreve Mário Filho: “*o futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa*”...

Os clubes de futebol que vão se formando no Brasil são todos voltados a esse modelo clássico do esporte, os jogadores são extraídos pelo prestígio social do seu sobrenome, o esporte é amador, mais diversão que competição, os torcedores por sua vez, existem em pequena quantidade, já que era um lazer voltado a classe social favorecida economicamente. Mas partir de 1923 vai ocorrer uma fissura nesse modelo futebolístico, o protagonista foi o time do Vasco da gama, como dialoga José Sérgio:

“O domínio dos clubes da elite...foi quebrado em 1923...o clube de regatas Vasco da gama...entrou no campeonato da 1ª divisão e foi campeão. O segredo do clube foi o recrutamento dos melhores jogadores dos subúrbios...negros, brancos ou mulatos”...

Desnecessário delongas para dizer que essa tentativa de ruptura na forma de fazer futebol dentro do Vasco da gama, não deve ser vista apenas como uma abertura de ordem esportiva mas muito mais de ordem social, já que alterava profundamente o modelo aplicado no contexto sócio-

¹ Historiador pela Universidade Federal de de Campina Grande.

esportivo da história brasileira daquele momento. Mesmo sendo visto com preconceito pelos outros clubes do Brasil, o Vasco passa a ter maior número de vitórias contando com o talento de ótimos jogadores e número infinitamente maior de torcedores que vinham prestigiar o futebol de qualidade e os craques incomparáveis, o que vai forçar outros clubes seguirem o mesmo caminho. Aos poucos o futebol brasileiro deixa de ser o passa tempo da elite e passa a configurar o esporte da arte com a bola nos pés que se populariza enormemente causando forte reação da elite do país: *“A mediada que o futebol se popularizava, porém a aristocracia deixava os estádios ...mudavam os jogadores que passaram a entrar em campo graças ao talento e não ao sobrenome”...* (José Sérgio Lopes). Essa combinação de matizes determinou no Brasil o declínio do foot Ball e ao mesmo tempo o nascimento do futebol, uma coisa abasileirada, com características próprias e bem distantes do modelo inglês, uma invenção original do Brasil que naturalmente iria conquistar o mundo. Parece que os inventores do foot ball deixaram para nós o privilégio de tocar a bola com habilidade e maestria incomparáveis, o futebol que suplantou o foot ball.

A medida que os clubes abrem espaço para os verdadeiros talentos, que em sua grande maioria emanam das classes populares, o futebol vai se tornando arte com um verdadeiro show de dribles desconcertantes, os estádios lotam, os clubes conquistam cada vez mais torcedores, o futebol se configura como uma pitoresca paixão nacional, entre os elementos necessários a um verdadeiro brasileiro a paixão pelo futebol de tantos estava certamente contida.

O FUTEBOL COMO INSTRUMENTO DE POLÍTICA

Essa manifestação explosiva do futebol no Brasil despertou interesses nos políticos que passaram a perceber uma forma de proximidade com a população, apesar de ter sido uma prática comum durante muitas décadas do século XX nos deteremos nesta produção a uma associação do futebol com a política do regime militar brasileiro, especialmente nas décadas de 60 e 70. Podemos dizer então que o regime se utilizou do futebol em pelo menos três aspectos: **procurar uma aproximação com a nação, distrair a atenção do povo diante dos horrores da ditadura e remeter a idéia de um Brasil unido.**

O presidente Emílio Garastazu Médici, foi procurar exatamente pela via do futebol a proximidade que lhe faltava com o povo como é possível perceber na fala de Gilberto Agostino:

“Grudado no rádio de pilha – imagem que o aproxima do homem comum – o novo presidente se arriscou várias vezes a freqüentar estádios lotados não raro tendo sua presença anunciada pelos auto falantes...uma estratégia...no sentido de transformar o general Médici em torcedor número um da nação, atribuindo os trunfos futebolísticos a imagem do Brasil potencia que o governo se esforçava em difundir”.

Além do mais a boa e empolgante imagem do futebol brasileiro desviava a atenção do povo, ou seja, enquanto do lado de fora dos estádios, a repressão e o medo aconteciam de maneira avassaladora, do lado de dentro, o futebol arte produzia momentos de festa e unidade, a nação era portanto o que o futebol determinava, uma corrente para frente sem medo sem pessimismo, a marcha de Miguel Gustavo feita para ilustrar a copa de 1970 cantava o que a nação deveria ser:

Somos milhões em ação
Pra frente Brasil, no meu coração
Todos juntos, vamos pra frente Brasil
Salve a seleção!!!
De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão!
Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Go!!!
Somos milhões em ação
Pra frente Brasil, no meu coração
Todos juntos, vamos pra frente Brasil
Salve a seleção!!!
De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão!
Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Salve a seleção!
Salve a seleção!
Salve a seleção!

É cabível mencionar que não nos é possível afirmar se o trabalho de Miguel Gustavo teve intencionalidade de mostrar o que a ditadura queria mostrar naquele momento ao país, mas sem dúvidas mesmo que sem intenção, casou perfeitamente com os interesses do governo pois nesse contexto, o futebol foi amostra grátis de que Médici era o torcedor e empreendedor numero um do Brasil e que o país era aquela corrente pra frente cheia de emoção e desenvolvimento.

É oportuno ressaltar também que dentro do futebol, os casos isolados também se tornavam pretextos excelentes para desfechos políticos. Em 1969 por exemplo, o milésimo gol do atleta Pelé reportou o povo para uma realidade mais agradável que o contexto verdadeiro da ditadura, tentamos acompanhar esse fato na leitura de Agostino: *“Pelé desfilou em carro aberto em Brasília, sendo recebido pelo Presidente Médici que lhe concedeu a medalha de mérito nacional...o atleta recebeu uma coroa de ouro...medalhas, selos, placas e troféus”*. A ditadura aparecia com uma fisionomia menos feia ao lado do esporte das massas, para isso era necessário também que o governo militar valorizasse e aceitasse sem reservas a imagem negra de Pelé como ídolo nacional infinitamente mais prestigiado do que as autoridades do regime, partes estratégicas que tiveram como objetivo fortalecer o poder central.

O FUTEBOL DAS MULHERES

Será essa uma expressão bem aceita na história do futebol brasileiro? Talvez ainda não, pelo menos não totalmente, mas acertadamente muito mais do que antes. Bem o futebol brasileiro parece ter sido ao longo dos anos a grande paixão nacional, como vimos, incorporou as massas, despertou o interesse da política partidária e num primeiro momento até foi um instrumento predileto das elites, é uma modalidade realmente de muita história e contexto social no país. Mas em meio a tudo isso você já parou para se perguntar qual o lugar dado a mulher brasileira nesse contexto? Talvez pouco se tenha trabalhado sobre isso. Lugar? Que lugar? Futebol não é coisa de mulher! O futebol atual está tomado por estes questionamentos gritantes aos ouvidos de homens e mulheres de agora mas também de antes.

Esse esporte que parece ter se firmado com tantos elementos também ficou conhecido por uma característica muito radical, futebol é coisa para macho, pelo menos dentro das quatro linhas. Mas por se tratar de uma paixão nacional, e o que se pode entender por nacional é que é comum a todos, o futebol também despertou desejos femininos que até um certo momento da história teve seu papel bem definido, o de torcedora. Quem nos ajuda a entender esse fenômeno é

Mario Filho, *“na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição”*...podemos perceber no transcrito que não havia dúvidas quanto ao espaço e a importância da mulher em campo, o espaço é o da arquibancada, e desfilar beleza seria o mais interessante da participação feminina nos estádios que ganhariam em charme e sensualidade capaz de empolgar os jogadores a realizar brilhantes partidas.

Mas seguindo o raciocínio do historiador Fábio Franzini esta realidade não permaneceria sempre assim: *“anos depois as mulheres já se levantaram de seus lugares na assistência, para adentrar os gramados”*. Os anos os quais Franzini se refere estão concentrados na primeira metade da década de 1940. Essa tentativa do futebol feminino aqui no Brasil causa espanto e repúdio por parte da sociedade masculina e até feminina forçando medidas cabíveis originadas pelo Estado Novo com vistas a eliminar isso que era considerado a possibilidade de uma desordem natural da sociedade. A ciência é então convocada a ajudar na solução desse “problema”, observemos o discurso que é criado pela Subdivisão de Medicina Especializada do Brasil para justificar o fato de que a mulher não poderia praticar esse tipo de esporte: *“razões de ordem fisiológicas, que desaconselham sumariamente um gênero de atividade física tão violento, incompatível mesmo com as possibilidades do organismo feminino”*.

Assim a medicina dispendo de autorização para o discurso, recomenda a não participação da mulher no futebol, sendo essa uma medida de segurança com vistas a proteção do próprio sexo feminino, frágil demais para esse tipo de esforço físico. Essa idéia é a que vai prevalecer durante décadas firmando mitos que sobrevivem até os dias de hoje, subjetivados pelos homens mas também em grande escala pelas próprias mulheres, que em sua grande maioria acreditam ainda, não ser esse um esporte feminino, tanto no que diz respeito a jogar ou até somente acompanhar, torcer.

Hoje a realidade brasileira da mulher em quanto jogadora já é bem diferente, como é diferente já no mundo inteiro, por aqui quatrocentas mil mulheres são jogadoras profissionais ou semi-profissionais, temos participação honrosa em importantes campeonatos, incluindo copas do mundo, isso mostra que o país evoluiu, contudo, os olhares da mídia, a atenção e a paixão nacional ainda estão voltados para o futebol macho e não é possível prever quanto tempo continuará assim, embora as maiores autoridades do futebol internacional já discurssem dizendo que a partir de 2010 o futebol será feminino. na prática, percebemos que a hegemonia masculina

esta longe de ser quebrada, e que a bola rolada pelos homens continua sendo de longe mais bem paga e valorizada que a mesma bola rolada pelas mulheres em campo, é só comparar o salário e a repercussão do melhor jogador e da melhor jogadora do mundo para se notar a diferença. A visão da própria mulher em relação a participação de sua classe nesse esporte também constitui um agravante, já que para a maioria delas futebol é realmente coisa para homem.

Não há dúvidas que o foot ball nasce na Inglaterra com todos os méritos dos ingleses que apresentam essa brilhante idéia de 22 jogadores correrem dentro do espaço de quatro linhas em busca de uma bola e com o objetivo do gol. Embora parecendo coisa inicialmente pra maluco a brincadeira que por lá foi quase uma exclusividade da elite, chega ao Brasil, que ainda brinca do jeito dos ingleses o estilo foot ball, mas só até arranjar o “jeitinho brasileiro” de dançar com a bola nos pés, para essa arte deixou de se exigir cor, sobrenome, aparência, credo ou condição social, deixamos para traz o foot ball e nascemos com o futebol, que acreditem, perderia a atenção da elite por algum tempo, mas lotaria os estádios com o povo brasileiro e encheria os gramados de talentos como Garrincha, Tostão, Jairzinho, Dinamite, Zagalo, Zico, Pelé e tantos os outros. O futebol deixaria tão para traz o foot ball, chegando até ao ponto de ter que comprar os nossos craques para o meio deles.

O nosso futebol é tão impressionante e massificado que atrai a intenção maquiavélica de muitos políticos, que tentam se aproveitar da magia desse esporte para se aproximar e até desviar a atenção da nação para acontecimentos de caos total, como ocorreu na ditadura militar, em especial nas décadas de 60 e 70.

Outra debilidade encontrada dentro do futebol foi o pequeno espaço cedido a mulher para que também ela pudesse brilhar nos gramados tanto quanto os homens, contudo é sempre bom mencionar que não se trata de um preconceito que tem origem dentro do futebol, mas sim de um ponto de vista anterior na história do Brasil, onde para a mulher não poderia ser atribuídas atividades que exigissem esforço físico nem que lhe concedesse ascensão social, como o futebol passou a ser simultaneamente as duas coisas, num prolongamento cultural a mulher foi automaticamente descartada.

Hoje o futebol continua sendo nossa paixão nacional, mas há algo de preocupante, o futebol ainda continua sendo nossa única fonte de patriotismo e felicidade nacional, então que a copa do mundo de 2010 não faça esquecermos os problemas e as questões que nos cabe analisar no curso de um ano esportivo mas ao mesmo tempo eleitoral, o que na verdade constitui mais

uma estratégia para tentar nos roubar a atenção. Estão aí vários debates para serem abordados, temas que vão desde a corrupção até a necessidade de desenvolvimento sustentável. Lutemos para que as nossas alegrias não se resumam a “simples” jogos de futebol, e a “fantasiosos” gritos de gols, mesmo que sejam numa copa do mundo e que representem vitórias do Brasil. É bom lembrar que nosso país precisa muito mais educação, saúde, moradia, políticas ambientais e diversos outros aspectos que ainda necessitam ser mudados para que possamos reverter esse terrível placar que só tem marcado pontos significantes para as elites.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEITE LOPES, José Sérgio. Futebol História de Sucesso e Contradições. In: Ciência Hoje, VOL, 24/Nº 139

AGOSTINO, Gilberto. AQUELA CORRENTE PRA FRENTE, O objeto de politicagem e de interferências por parte do governo, nos tempos da ditadura militar o futebol brasileiro foi assunto nacional. In: Nossa História, 2004.

FRANZINI, Fábio. Futebol é coisa para macho? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: Revista Brasileira de História, Vol. 25. nº 50